

Diario de Noticias

RECTOR: MÁRIO BETTENCOURT RESENDES | DIRECTOR ADJUNTO: ANTÓNIO RIBEIRO FERREIRA | PREÇO (IVA INCLUÍDO) 100\$ - 100 PESETAS | ANO 134.º Nº47 319 SEGUNDA-FEIRA, 12 DE OUTUBRO DE 1998



José Saramago ao DN:

«Prémio Nobel não mudará em nada a minha maneira de ser»

MARIA JOÃO CAETANO, em Lanzarote

PÁGINAS 38 E 39



Cunha Rodrigues contra-ataca

Pocurador leva hoje a Guterres um polémico «caderno de encargos». E vai lar da vontade política, indispensável para investigar casos como o da JAE

Cunha Rodrigues, criticado por rios sectores políticos e policiais rnão dar andamento a processos ves de fraudes e corrupção, vai je a São Bento com o contra-ataeno bolso. Mais meios, tornar s simples o acesso do Ministé-Público a contas bancárias e, na-

tuar rapidamente no combate à corrupção. Numa frase, é o que, em síntese, o procurador-geral da República vai pedir ao primeiro-ministro numa audiência, hoje de manhã, em São Bento. Cunha Rodrigues vai apresentar a António Gu-

turalmente, vontade política para acterres algumas medidas que considera necessárias para o combate à corrupção, de novo na ordem do dia com o «caso JAE». Este «caderno de encargos» pode ser entendido como uma resposta às críticas de que foi alvo, nomeadamente no grupo parlamentar socialista.

AD faz cimeira extraordinária

aulo Portas quer encontro urgente com Marcelo amanhã ou quarta-feira



Paulo Portas escreveu ontem a Marcelo Rebelo de Sousa a sugerir a convocação «urgente» de uma cimeira entre PSD e PP, para «analisar a incompetência do Governo face à corrupção, e a sua insensibilidade no sector da Justiça». Em causa estão os alegados indícios de corrupção na Junta Autónoma de Estradas. A resposta do PSD foi, ob- contra a corrupção.

viamente, positiva. O encontro Portas/Marcelo deve acontecer amanhã ou quarta-feira. Na carta que dirigiu ao líder social-democrata, o presidente popular acusa o Governo de tratar deste assunto com uma «lamentável irresponsabilidade, por estar no poder há três anos e só agora se lembrar de tomar medidas

AE exige jipes

cnico da Madeira explica «cambões» e «chapéus» nos concursos públicos

mecem todo o material de apoio equipas da Junta Autónoma de tadas que fiscalizam as suas as. O rol de ofertas vai de auto-

s empresas de construção civil tracção a quatro rodas, passando pelos seguros contra todos os riscos, pelo material fotográfico, máquinas e rolos de fotografia e ainda câmaras de vídeo e respectivas weis a gasolina, veículos com cassetes. No fim da obra, as ofertas

podem ficar na JAE. Um ex-membro das comissões de análise de concursos públicos na Madeira explica ao DN as regras do jogo, os «cambões» e os «chapéus» nos concursos públicos.

Páginas 3, 6, 7 e Negócios



RESPOSTA. Cunha Rodrigues não quer ser o bode expiatório da crise do regime

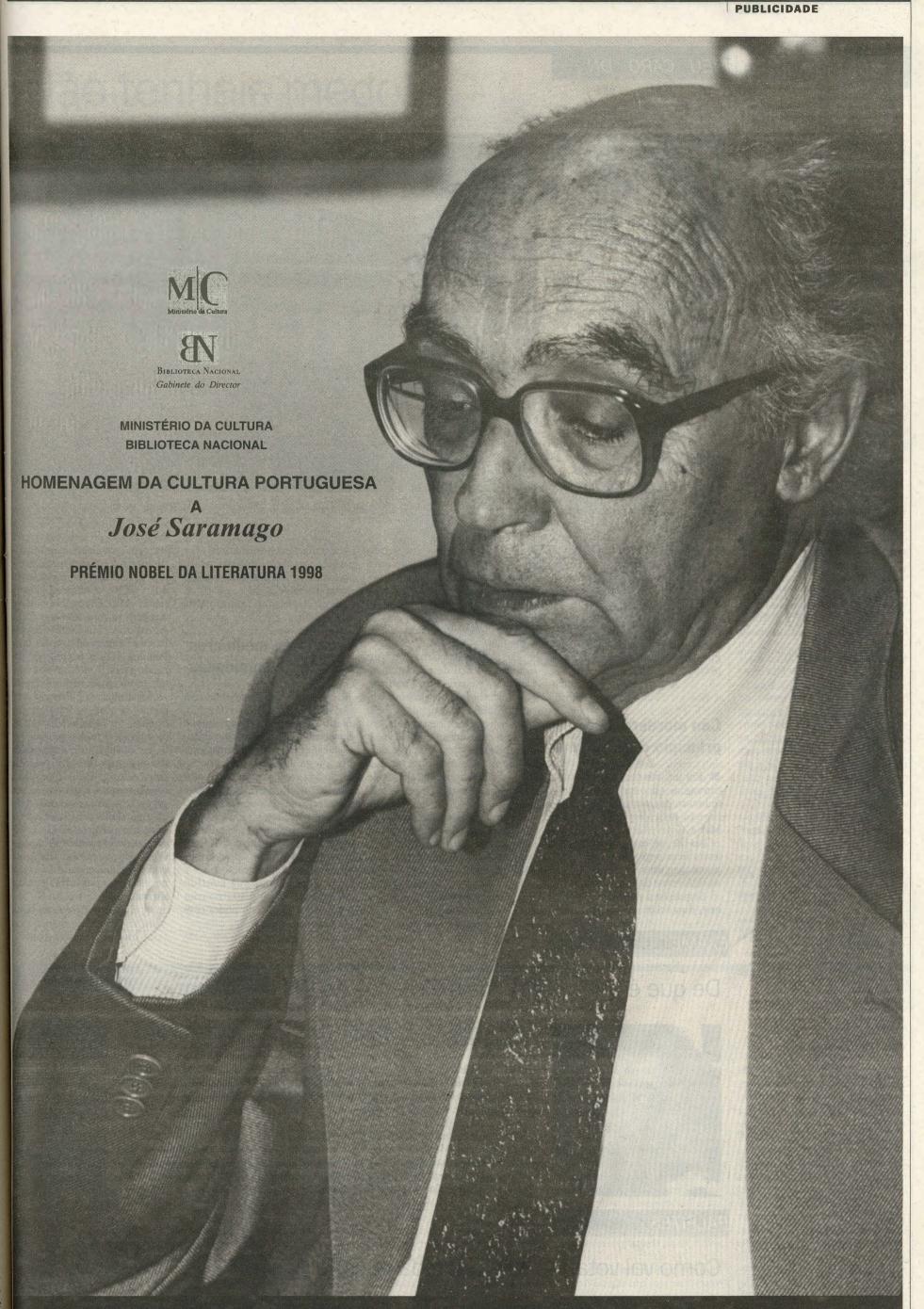
PUBLICIDADE

Esteja atento ao seu novo Código Postal.



Linha Código Postal 0808 21 21 21 • www.ctt.pt





Por iniciativa do Ministério da Cultura e organizada pela Biblioteca Nacional, realiza-se na próxima quarta-feira, dia 14, pelas 19 horas, no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém, uma homenagem da cultura portuguesa a José Saramago, por ocasião da atribuição ao escritor do Prémio Nobel da Literatura.

A cerimónia será presidida por S. Ex.ª o Senhor Primeiro-Ministro, Eng. António Guterres, e será aberta ao público.

Entre uma carta e um Nobel



FRANCISCO MOITA FLORES

suposto nesta coluna reflectir sobre crimes, criminosos, polícias e outras coisas menores que dia após dia são manchete de jornais. Preparava-me para escrever sobre a famosa carta a Garcia e sobre corrupção.

Sobre a rasteirice dos homens, a lama, a sujidade que atravessa os quotidianos, sobre a mediocridade adornada de verniz democrático, sobre as intenções de grandes combates à corrupção que ficam sempre e eternamente nas gavetas de todas as secretárias de todos os burocratas em bicos de pés, vorazes, à espera de mais um bocadinho de poder.

Ia escrever sobre um general que dá à estampa cartas particulares com a mesma atitude com que Monica Lewinsky guarda um vestido com esperma. Com amigos assim Sousa Franco não precisa de inimigos. Ia escrever sobre a corrupção, por acaso até ia.

Já que se mexe na porcaria que se lhe conheça o cheiro nauseabundo das promessas de resolução, que se conheçam os investimentos que há anos se fazem no sentido de a combater e que acabam quase invariavelmente em arquivos tão escuros quanto amnésicos das palavras prometidas.

Fui polícia e esta coluna deveria falar de polícias. Obedecendo à ronceira e analfabeta ordem construída pelo «intelectual-todo-umbigo», o polícia está proibido de falar de coisas de cultura.

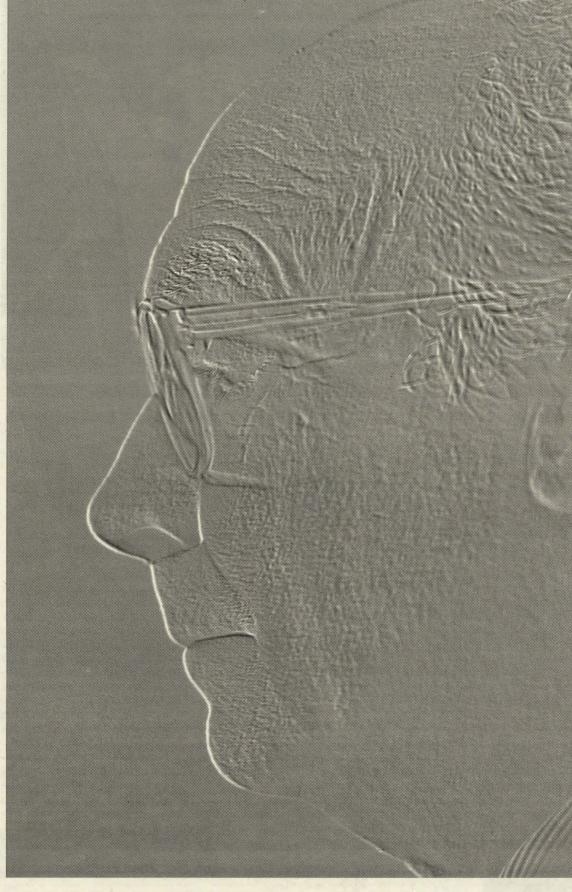
A sua competência é o cacete e, nesta hora, confesso-me incompetente.

Pois até ia falar de um país habitado por rafeiros de duvidosa genealogia democrática, dos pequenos poderes instalados na seiva de um país livre que engordam panças e carteiras à sombra dos que têm a coragem de se assumir nos sufrágios e dizer ao povo que os julguem. Um polícia habituase à porcaria. Desde barracas nauseabundas até cadáveres podres, de miseráveis andrajosos até miseráveis de casaca, tudo lhe passa pela frente do nariz.

Por isso, que não me incomodasse a reflexão sobre os fumos de corrupção que pairam no ar. Cheiram mal, mas um homem já viveu e já cheirou tanta coisa!

Foi então, quando não havia outra razão para esta crónica, que caiu a notícia: Saramago ganhara!, e no cantinho mais terno do peito estralejaram foguetes e era estranho o rebuliço porque não conheço o homem nem sou um admirador incondicional do escritor.

era estranho porque eu ia falar das corrupções reais ou ficcionadas, de um general ressabiado, de dois ministros que não se entendem, de investigações que acabam no armário dos arquivos, de dinheiros sujos, de dinheiros sujos, de dinheiros limpos que caem em algibeiras sujas, de homens pequeninos que são grandes em função da dimensão



do da minha emoção chegara o autor do Memorial do Convento, e Antero, e Eça, e Pascoais, e Brandão, Proença, Aquilino, Sena, Sofia, Torga, Antunes, Nemésio e tantos, tantos que construíram a Pátria de Pessoa. É por isto que me recuso a falar dos fumos de corrupção. De cartas particulares publicitadas, de gente supostamente responsável justificando comportamentos injustificáveis, de processos arquivados

Era Saramago que ali estava

e a mestria de escrever em

português. Ao topo do mun-

da secretária onde pastam, solenemente balofos, babados de ganância ao cheque do empreiteiro, convencidos da vitória do partido por cada esmola de milhares entregue no saco azul da clandestinidade eleitoral.

Saramago ganhou e pelas estantes das livrarias correu um vendaval de desejos, de sofreguidões incontidas por livros, por muitos livros, por todos os livros.

A vertigem do prémio correu o mundo, a primeira página dos jornais, incendiou discussões e alegrias, aplausos e discórdias.

A língua portuguesa subia ao palco do mundo pela mão de Saramago e por ele desfilaram os homens e as mulheres que deram corpo e alma, seiva e sangue, razão e paixão à memória de todas as palavras escritas.

Era Saramago que ali estava e a mestria de escrever em português. Ao topo do mundo da minha emoção chegara o autor do *Memorial do Convento*, e Antero, e Eça, e Pascoais, e Brandão, Proença, Aquilino, Sena, Sofia, Torga, Antunes, Nemésio e tantos, tantos que construíram a Pátria de Pessoa, finalmente canonizada

pelo reconhecimento da Academia Sueca

É por isto que me recuso a falar dos fumos de corrupção. De cartas particulares publicitadas, de gente supostamente responsável justificando comportamentos injustificáveis, de processos arquivados, moribundos que teimam em não morrer e já sem força para viverem, de apuramento dos factos até às últimas consequências, da inevitável falta de meios para investigar, da promessa de que agora é mesmo a sério. É a linguagem dos predadores do futebol. Tão vazia e tão pouco original que convida ao sono. Ao menos o futebol ainda tem golos e, depois, é tudo tão mesquinho e reles comparado com a grandiosidade do prémio das letras falado em por-

avia no ar qualquer coisa que predizia o evento. No dia 5 de Outubro, Jorge Sampaio entregara quatro das mais altas condecorações do Estado a homens das letras: Raul Rego, Oliveira Marques, Manuel Villaverde Cabral, Fernando Catroga eram justa e merecidamente reconhecidos pela República.

Não havia vilão por perto aproveitando a boleia das prebendas e fez-se justiça. É já tão raro fazer-se justica.

José Saramago subiu ao altar da glória e, com ele, fomos todos. Os que o amam, os que o admiram, os que o detestam. Subimos por força da língua com que ele faz a argamassa das suas histórias e, com ele, ficámos mais puros. O efeito do gesto secou notícias, parou intrigas, desfez novelos de confusão, esvaziou a importância balofa de heróis de meia bola e força, esventrou vingançazinhas, denunciazinhas, politiquinhas de cordel.

É certo que o Nobel sufocou o alarme da corrupção, mas não a matou. É um prémio demasiado nobre para matar. Nobre, até para aqueles que desdenham, que roem os dedos, que mordem a inveja, que inventam mil formas de o minimizar.

Talvez mais de mil formas, que a nossa terra é pródiga em inveja mesmo sem apoio a fundo perdido da União Europeia. Mas dizia eu que a corrupção continua à espera que a descubram no estranho jogo do gato e do rato que ora mostra a cauda ora a esconde.

eja como for, desta vez foram sufocadas pelo tilintar da nossa alegria colectiva as pretensas negociatas, os eventuais desvios de dinheiros para partidos políticos, as estafadas declarações de principios, a seriedade invocada a troo de nada e eu libertei-me do fardo de ter que falar da porcaria.

Desculpem-me a ousadia. Fiz gazeta aos meus deveres. Não será por isso que a corrupção deixará de existir nem de não existir. Mas cada um é do tamanho que é e esta semana senti-me tão grande e tão minúsculo na vaidade de falar a língua do Prémio Nobel que não há criminoso nem juiz que me obrigue ao trabalho.

Sobretudo a eventual corrupção na JAE. A coisa é tão velha que já cheira a podre e em dia de festa apetecem iguarias perfumadas

Francisco Moita Flores assina esta coluna à segunda-feira. E-mail: moita.flores@mail.telepac.pt

Artes & multimedia

ENTREVISTA JOSÉ SARAMAGO

Saramago com Cranberries na entrega do Nobel

Quando José Saramago for receber o seu Prémio Nobel de Literatura vai poder assistir igualmente ao concerto do grupo irlandês Cranberries. A banda foi convidada a participar na atribuição dos prémios, no dia 11 de

Dezembro, segundo revelou o director do Instituto Nobel, Geir Lundestad. Também foram convidados o tenor italiano Andrea Bocelli, a cantora canadiana Alanis Morissette e o grupo norueguês A-ha.



«Eu sou da língua que falo»

«Os espanhóis não querem apropriar-se de mim. O que há na relação da Espanha comigo é uma grande generosidade»

MARIA JOÃO CAETANO

Em Lanzarote

O escritor diz ao DN que o Nobel da Literatura não mudará em nada a sua maneira de ser e que não acreditava que o galardão fosse dado de novo a um europeu.

Foi bom voltar a casa com um Prémio Nobel?

É sempre bom voltar a casa. Tu sais daqui sem prémio, voltas com prémio, é outra coisa.

O que é que isto vai mudar na sua vida?

Na minha vida? Nada. Vamos lá ver, a questão que eu ponho é: o que é que pode mudar na minha vida? A casa é esta, não vou fazer outra. As coisas que temos são as que temos e precisamos, não me vou pôr a comprar novos objectos, nem roupas nem jóias. Portanto, conhecendo-me eu e conhecendo a Pilar, conhecendo-nos como somos, não acho que mude. Acontece que a nossa estabilidade económica aumenta, estamos mais defendidos, do ponto de vista material.

Isso é importante?

Pode ajudar-nos a resolver algum problema, a nós e às pessoas que nos estão próximas, pór laços de família ou na sua vida.

O José Saramago continua o mesmo?

A minha maneira de ser é a mesma. E a escrita também não muda, é uma expressão directa, pessoal, crítica, profunda e não é pelo facto de ter ali mais algum dinheiro, neste caso muito dinheiro, que a escrita vai mudar. O que pode acontecer é uma pessoa ver-se na posse de tanto di-

nheiro que pode ter um comportamento diferente.

Não é o seu caso? Não creio que seja. Embora a gente nunca possa apostar sobre aquilo que vai acontecer, conheço-me suficientemente bem. E, nesta altura da vida, iria transformar-me em quê? Numa pessoa que anda por aí, imaginando que tem a maior das glórias? Vaidoso, orgulhoso? Orgulhos e vaidades aos 75 anos?

Mas ficou vaidoso?

O que é isso de ser vaidoso? Há pessoas que acham que eu sou vaidoso, outras pelo contrário acham que sou uma pessoa humilde. Portanto, decida cada uma o que achar de mim, que eu continuarei a ser quem sou. O que eu quero dizer com tudo isto é o seguinte: o Nobel não mudará nada a minha maneira de ser. Mais do que o dinheiro, o importante será o reconhecimento do mundo.

O reconhecimento da Academia Sueca. Mas como o Prémio Nobel se transformou numa espécie de mito, é o único que todo o mundo, àquela hora, espera o anúncio para saber quem ganhou. Portanto, o prémio é uma



PALAVRAS DE ACEITAÇÃO. «No discurso que farei em Estocolmo não vou autocongratular-me. Quero tocar em algumas questões»

espécie de acontecimento mundial.

Todo o mundo menos o José Saramago...

Sim, eu ia embarcar para vir para aqui. Se em algum ano eu achei que havia motivos para pensar nisso, foi o ano passado e viu-se o que aconteceu: o prémio foi para o Dario Fo. Este ano, falava-se no meu nome, mas fala-se há cinco anos. Houve uma vez que eu tive a informação de que não ganhei o prémio por um voto e durante estes anos, quando se aproxima-va a data, falava-se de muitos nomes e lá estava o meu. O que não queria dizer nada.

Este ano foi mesmo uma surpresa?

«A minha maneira de ser é a mesma. E a escrita também não muda pelo facto de ter ali mais algum dinheiro»

Sim, havia outra razão para eu pensar que não era lógico, que não iria acontecer: é que os três últimos premiados foram europeus. Não acreditei que houvesse probabilidade de o prémio ir para outro europeu.

Este é um prémio português, mas muito celebrado aqui. Também é um prémio um pouco espanhol.

Não. O que há da parte dos espanhóis não é que eles queiram apropriar-se de mim, que isso ninguém o poderá fazer. Eu sou de onde sou. Sou de onde nasci, sou da terra que me criou, sou da língua que falo, sou da história que o meu país tem, sou das qualidades e dos defeitos que nós temos, sou dos sonhos e das ilusões que são nossos, ou foram ou vão ser. É daí que eu sou, é aí que

eu pertenço. O que há na relação da Espanha comigo é uma grande generosidade. Eles receberamme como se eu fosse um deles. E eu gostaria que alguma coisa de similar acontecesse com um escritor espanhol em Portugal, que ele se sentisse em Portugal como eu me sinto em Espanha. A pátria é lá, o lugar da raiz e da consciência. Mas eu tenho a sorte de ter uma espécie de país meu, aumentado. Que até se prolongou até esta ilha.

Se não fosse Lanzarote, não teria ganho o prémio?

Há a ideia de que, se eu não me tivesse mudado para aqui, não teria ganho o prémio? Já escreveram isso, mas não é assim: a Espanha não influi nada. Também já disserm que o meu êxito internacional se devia à minha mulher e ao partido. Não. Se eu estivesse a viver em Lisboa e se tivesse dado à Academia Sueca as mesmas razões que dei, que são os livros, o prémio ser-me-ia entregue. É o trabalho que vamos fazendo, ano a ano, que torna a obra visível. É claro que às vezes isso não é o bastante. Nós levámos um século, apesar de termos grandes obras e grandes escritores, para convencer a Academia. Depois disto, que é que lhe falta? Se me fizesses essa pergunta há quatro dias, antes do prémio, eu diria: não me falta nada. E agora digo-te exactamente a mesma coisa. E, quando digo que não me falta nada, não é por causa do premio: ele está fora desta

questão. Está feliz?

Sou feliz. De facto, sou. Vivo espiritualmente bem, sem entrar em intimidades de sentimentos, quem me conhece sabe-o e não é difícil de perceber o tipo de relação de casal que existe nesta casa. Tenho saúde. Não preciso de

nada. Vivo do meu trabalho, não tenho bens, nem acções, não sou capitalista. Não preciso de nada. Continua a escrever com prazer? Eu nunca escrevi com prazer. Ao contrário do que é uso dizer-se, eu não acredito muito no prazer da escrita. Acredito no prazer da leitura. Para mim, a escrita é um trabalho e é muito difícil que um trabalho, entendido assim, dê prazer. Há que estar muito em cima das coisas, não há tempo para o prazer. Depois, sim, quando a obra está feita ou mesmo no decurso dela, quando se volta atrás, se lê e parece bem, aí já há um prazer. Mas é de ver o que já está feito, não no acto de fazer. Além disso, eu tenho sempre uma atitude de desromantizar as coisas. Apesar de ser muito romântico, na vida procuro sempre tirar aquilo que pode fazer perder a claridade com que as coisas devem ser vistas. Desromantizar, desmitificar, relativizar.

Fetá a escrever A Cavern

Está a escrever A Caverna. Sim, estou ainda muito no início desse romance novo, que eu espero, ou esperava, poder terminar no Verão e publicar no Outono. Mas tudo depende do que vai acontecer. Agora, vão chegar imensos convites de toda a parte e eu vou ter que aceitar alguns. O García Márquez conta que, quando lhe deram o prémio, teve a seguir tantos convites que davam para ele não fazer mais nada durante um ano inteiro.

O José Saramago não pretende

fazer isso...

Nem ele o fez. O que se pretende, se realmente vale a pena, é que o escritor escreva. Mas a vida actual exige que o escritor faça mais qualquer coisa, é exigido aos artistas que intervenham, que participem. O que é preciso é administrar bem o tempo. O que acontece é que eu tenho que ter em

conta que tenho quase 76 anos não posso perder tempo. O tem po já não é o que era.

Vai aproveitá-lo bem?

Tudo farei, mas também não quero ficar à sombra do Nobel como se fosse ficar à sombra da bananeira, achando que já não tenho mais nada para fazer. I realmente tenho e quero fazer. O Nobel é algo importante na minha vida, mas não quero que o prémio seja um muro que m faça parar.

É por isso que vai fazer um dis curso em que não vai falar só de literatura?

O que eu vou dizer é aquilo que eu tenho dito nos últimos dias tenho tido um discurso muito aberto, que não fica confinado a satisfação egoísta de um autor, ou a uma espécie de convers mole ou dura sobre a obra feita. No discurso que farei em Estocolmo, não vou autocongratular-me. Quero tocar em algumas questões.

Por exemplo?
O mundo.

Apesar de estar feliz, continua triste com o mundo?

Não, o mundo nem quer sabel nada da minha tristeza. O que eu acho é que este mundo não está bem e nós não temos a coragem para entender o que se está a passar e tirar daí as devidas conclusões. Mas não podemos limitar-nos a dizer que há coisas que não estão bem: é preciso fazer qualquer coisa.

Sente que o Nobel lhe dá mais responsabilidades, mais devers nesse campo?

Penso que sim. Pelo menos, o prémio torna-me mais visível e as coisas que eu diga são mais audíveis. Como nunca fugi às responsabilidades que tive até hoje, espero não fugir às que vier a ter no futuro.

«Gosto que me leiam mas não me quero exibir»

Prémio Nobel descansa na «Casa» e prepara-se para a recepção portuguesa de amanhã

MIC

Uma salva de palmas. Foi assim que a população da ilha de Lanzante recebeu ontem José Saramago, Prémio Nobel da Literatura de 1998.

No aeroporto, os amigos e outos menos amigos, mas igualmente satisfeitos quiseram felici-

Eos braços do escritor e de sua mulher, Pilar del Rio, não chegampara tantas flores e tantos abraços.

Damesma forma que não chea o tempo para receber todos os telefonemas ou para responder a todos os faxes e telegramas que degam à «Casa».

José Saramago está feliz. Mas não se deixa deslumbrar com as felicitações de José María Aznar e dos membros da família real esmandola

«Gosto que me leiam, gosto que me estimem. Mas não quero eibir-me», disse o autor de Memorial do Convento.

Lanzarote recebeu o seu filho adoptivo com alegria, quis ver a cara de um laureado com o Nobel, quer ouvir as suas palavras. Mas para o escritor esta é apenas uma pequena passagem por casa. Só para «reorganizar» a vida. Para fazer as malas, que não estavam preparadas para tantas idas e findas.

Ali, no seu cantinho, entre os seus quadros e seus livros, José saramago vai tentar descansar e preparar-se para a recepção portuguesa.

«Depois do que foi em Frankirt, em Madrid e agora aqui, não imagino ainda como poderá ser em Portugal», confessa o escritor ao DN.

Felizmente, Saramago tem a sorte de poder contar com a ajuda e companhia de Pilar, muito mais do que sua mulher.

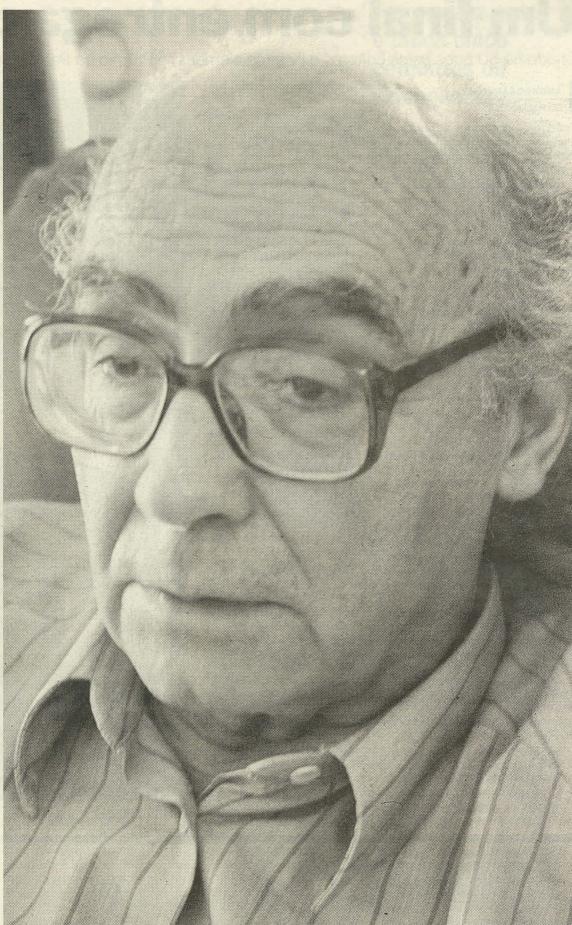
É ela quem organiza os seus contactos, quem lhe evita as conversas mais aborrecidas e lhe facilita a vida, libertando-o para as tardes passadas no escritório com vista para o mar e para aquela terra negra, vulcânica, que é Lanzarote. E ela está sempre presente, mostrando as fotografías tiradas com García Márquez, Nélida Piñon e Jorge Amado. Lembrando as histórias vividas em conjunto. Abraçando Saramago e sorrindo com ele da agitação toda em sua

Saramago está feliz mas não se deixa deslumbrar com as felicitações de Aznar e da família real espanhola

volta. Até quarta-feira, terão tempo para brincar com os três *perros*, tão felizes por o ter em casa que quase parecem adivinhar o prémio Nobel de Saramago.

Greta, Pepe e Camões (que se chama assim porque chegou àquela casa no mesmo dia em que o escritor ganhou o Prémio Camões) são os companheiros de Saramago e Pilar.

Melhor, de José e Pilar. Em Lanzarote, o escritor é conhecido pelo seu nome próprio, como o são os amigos e conhecidos. Simplesmente José.



EXPECTATIVA. «Depois do que foi em Frankfurt, Madrid e agora aqui, não imagino como poderá ser em Portugal»

IDC O

Emoção e comunicação em estudo na Arrábida

Cordenada por Mário Mesquita, inicia-se mais uma semana de reflexão sobre o actual papel dos media na nossa sociedade

Inicia-se hoje mais um capítulo dos Cursos da Arrábida. Duante cinco dias o Convento da terra abrigará um curso suborditado ao tema «A Emoção no Discurso e na Estratégia dos Media», cuja coordenação está a cargo de Mário Mesquita, ex-Provedor dos Leitores e antigo director do Diáriode Notícias.

Os Cursos da Arrábida são parocinados pela Comissão Nacional dos Descobrimentos e pela fundação Oriente, e inserem-se to âmbito do projecto Universidade de Verão. De hoje até sextafira passarão pelo Convento da Arábida uma vintena de prestigados professores e estudiosos defenómeno mediático.

Depois de algumas críticas, dias pelos participantes do curso do ano passado, nomeadamente deque o programa era demasiado menchido com comunicações, dendo limitado o espaço para o debate, Mário Mesquita decidiu alterar a estrutura do seminário. Assim, as intervenções escritas ficam com o espaço da manhã, estando as tardes reservadas para as várias mesas-redondas, onde os inscritos no curso serão convidados a participar activamente.

A sessão inaugural é às 16 horas de hoje e é presidida pelo ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho. Ela conta, a abrir, com uma introdução ao curso por parte de António Costa Pinto e Mário Mesquita. Segue-se a sessão propriamente dita, cujo tema é «Emoção e Racionalidade na Sociedade e nos Media». Serão apresentadas as comunicações de Jorge Vala, do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e de Empresa, e de Daniel Bougnoux, professor do departamento de Ciências da Comunicação na Universidade de Grenoble (ver entrevista na página 52). A moderação estará a cargo de Teresa Ambrósio, do Conselho Nacional de Educação. Amanhã, a emoção nos media é outra. «A Emoção nos Media na Perspectiva da Deontologia» será o tema da sessão, entre as dez da manhã e a uma da tarde, que contará com as intervenções de Deni Elliot, da Universidade de Montana (que tem escrito alguns artigos sobre o actual caso Lewinsky, envolvendo o presidente dos Esta-

Pelo Convento da Arrábida passará uma vintena de prestigiados professores e estudiosos do fenómeno mediático

dos Unidos) e de Claude-Jean Bertrand, do Institut Français de Presse, que pertence à Universidade de Paris II. A mistura entre deontologia e emoções, na ressaca do *Monicagate*, promete ser explosiva. Mais trabalho para a moderadora, que irá ser Maria Emília Brederode dos Santos, presidente do Instituto de Inovação Educacional. A mesa-redonda da tarde, com o aguardado debate, dever-se-á iniciar às 17 horas.

Para quarta-feira estão marcadas comunicações de Marc Lits, da Universidade Católica de Lovaina, e de Manuel Carlos Chaparro, vindo directamente da Universidade de São Paulo. Vêm falar de «A Emoção no Discurso dos Media e na Política». Cristina Ponte modera.

Na quinta-feira o tema é «As Emoções, a Retórica e os Dispositivos dos Media». Dada a complexidade do tema, a organização decidiu convidar três oradores. Serão eles: Philippe Marion, mais um representante da Universidade Católica de Lovaina; Tito Cardoso e Cunha, da Universidade Nova de Lisboa; e Eduardo Esperança, da Universidade de Évora. O moderador é Carlos Leone.

O último dia, como é natural, é

o que tem a agenda mais preenchida. De manhã discute-se «A Emoção nas Estratégias de Comunicação», com intervenções escritas de Axel Gryeesperdt, terceiro e último representante da Univeridade Católica de Lovaina, e Alberto Pena, da Universidade de Vigo. Às três horas inicia-se a sessão de encerramento, com a presença do secretário de estado da Comunicação Social, Arons de Carvalho. Nela será apresentada uma síntese conclusiva do curso, a cargo de Carla Batista, da Universidade Lusófona, Carlos Camponês, do pólo de Leiria da Universidade Católica, Helena Vieira, também da Universidade Lusófona, e, finalmente, Maria José Mata, do ESE-Coimbra. O moderador é Mário Mesquita.

Serão cinco dias de estudo necessariamente emocionantes. E que também se esperam esclarecedores do papel dos media na sociedade contemporânea.